

À Comissão Científica do XIV Encontro Nacional da EPFCL- Brasil PROPOSTAS DE TRABALHO PARA O ESPAÇO ESCOLA/JORNADA DE CARTÉIS

Os impasses na construção e no funcionamento de uma instituição psicanalítica é um título que recebi para falar sobre os 25 anos da FCCL de Aracaju (Projeto Freudiano) a partir das reflexões deste trabalho, me mobilizei bastante em meu trabalho no Cartel: O desejo na formação do analista.

Refletir sobre uma palavra pouco usada da língua portuguesa, empasse, para escrever alguns apontamentos sobre a formação do analista.

Bem chego numa instituição onde a proposta para os que iniciam sua formação e os que buscam o aprendizado e a pesquisa teórico-clínica da psicanálise no Estado, tinham a oportunidade de constatar a formalização de um ensino pioneiro em Sergipe, pois desde 1988, o projeto Freudiano, oferecia um espaço de estudo e pesquisa da psicanálise, seguindo as pegadas de Lacan na sua reeleitura freudiana, acolhendo e debatendo com os discursos da contemporaneidade. E quem eu encontro? Daniela, Alessandra Ribeiro e Thais ...caminhamos... as vezes juntas, por perto, num passo acelerado, as vezes lento, cada uma no seu passo, mas sempre as encontro caminhando...

Então pensei, quando recebi o convite de Carina, a coordenadora do evento dos 25 anos do Projeto Freudiano, na origem da palavra impasse, pois o que significaria pensar nos impasses 25 anos depois da fundação e do funcionamento de uma instituição de psicanálise, ensino e Pesquisa? E onde ainda encontro colegas caminhando, cada uma no seu passo e com seu estilo? Bem, na minha pesquisa me dei conta de uma outra palavra: empasse (do verbo empar). As duas palavras existem na língua portuguesa, mas é preciso muita atenção em sua utilização. Significando um beco sem saída, uma situação embaraçosa, impasse. E a operação que consiste em amarrar as varas/estacas dos frutos de uma videira sobre dois paus, um enterrado junto à origem da vara (pau de espera) e outro junto à ponta (pau do fim) empasse.

E para pensar o empasse recorri ao texto de Freud (1919) sobre o ensino da psicanálise na universidades onde afirma que a formação do analista deve ser sustentada a partir de um tripé constituído por: ensino teórico, supervisão e análise pessoal. Este tripé teve sua importância reafirmada por Lacan que lhe forneceu a maior consistência. Então associei ao tripé as estacas, da operação do empar que sustenta a formação do analista.

Empasse ou impasse????

Quinet aponta que a psicanálise é Estranha em relação as outras disciplinas, e a própria civilização, e é essa estranheza que Lacan situa no âmago da sua Escola como lugar de formação do psicanalista. A escola de Lacan é a estranha na civilização. Trecho do prefácio do livro a estranheza da Psicanálise.

A proposição de 9 de outubro, vem três anos depois, introduzir a dessemelhança, a desigualdade dos membros em relação a psicanálise: se todos são iguais perante o trabalho, nem todos são iguais perante a formação analítica e o reconhecimento como analista pela escola.

Então retomando a articulação Projeto/Escola, ainda na proposição Lacan introduz um grau, um gradus para o analista – gradus totalmente independente da hierarquia de mando da instituição – ao mesmo tempo que afirma que o analista só se autoriza por si mesmo. A Escola não autoriza e nem desautoriza ninguém a praticar psicanálise, mas é seu dever reconhecer e garantir aquele que aí tenham feito sua formação e dado provas de sua prática de analista. Neste caso a Escola lhe confere o título de AME – analista membro da Escola. AE, analista da Escola, é o título conferido àquele que fez o passe, no qual se reconheceu a passagem de analisante a analista em seu relato sobre sua análise. E é esse trabalho de acolhida e esclarecimento que realizamos no Espaço Escola com a coordenação de Daniela. A Escola é diferente das instituições, nas quais autorização e garantia se confundem.

Após esta articulação entre a instituição e a escola, busquei novamente a "Proposição de 9 de Outubro de 1967" de Lacan, em suas duas versões, para nortear minha fala sobre os impasses, cujo teor nos faz pensar sobre a estrutura de uma instituição psicanalítica e seus impasses. O passe foi aí proposto com a finalidade de teorizar

sobre o surgimento de um analista na lógica do final de análise, o qual, após Freud, não havia sido tratado com o devido rigor. No lugar desse rigor teórico, criaram-se regras cada vez mais rígidas, padrões preestabelecidos, que longe de fazerem surgir o sujeito do inconsciente o faziam sumir, ou melhor, consumir, consumir tempo, dinheiro... Com a padronização da análise e a burocratização da instituição, poupa-se o trabalho de lidar com o real.

Vera Polo, em seu texto "Alguns apontamentos sobre a relação formação-escola", distingue, a partir de Lacan, duas maneiras de conceber esse real: a primeira, o equivaleria ao incurável do sintoma (o que se extrai da análise - o *sinthome*); a segunda, o definiria como o objeto a, o mais-de-gozar que não faz laço social. Portanto, estamos diante de um "osso duro de roer", que muitas vezes é substituído por um "filé" para facilitar o trabalho, ou melhor, para não dar trabalho. O resultado disso é uma estagnação e cristalização desses padrões e das posições instituídas, elidindo qualquer fundamentação ética. Lacan, na "Nota Italiana", diz que o final de análise é marcado por um saber no real, que "não é de modo algum fácil. Pois é preciso inventá-lo" ou seja, fazer aí algo com. Sabemos que a verdade é não-toda, sempre resta algo sobre o qual não se pode dizer, sendo justamente com esse indizível que vamos lidar no final de uma análise, senão cairemos em uma infinita cadeia que nos levará a uma análise infinita. No final, o que resta é o ato.

Em sua Proposição, Lacan parte do seguinte princípio: "o analista se autoriza por si mesmo". O que se extrai de uma análise é um analista. O final da análise é marcado por essa passagem de analisante a analista. A Escola será testemunha dessa garantia não só mediante seu ensinamento, mas também por meio da instauração de uma "comunidade de experiência". A psicanálise tomada em intensão deverá ser verificada pela Escola em sua função de extensão, ou seja, de transmissão. Lacan propõe então o passe na tentativa de fazer uma mostraçãõ de que daquela análise se retirou um analista. Assim, não se exclui a garantia da Escola, porém ele diz que não é com essa garantia que o analista opera.

Sendo assim o **impasse** na formação (beco sem saída) se pensarmos no **empasse**, ou seja em-par, com os pares membros de escola, se pede, se solicita o passe. E ainda em-pares (com os pares) que se faz cartel.

O analista advindo dessa passagem é a queda, o dejetivo, mas não qualquer um. Daí ser somente o analista, não qualquer um, que se autoriza por si mesmo. Para tanto, não basta se saber dejetivo para o outro, há que se entusiasmar com a transmissão. Lacan, na "Nota Italiana", diz ainda que se não houver entusiasmo, "...pode ser que tenha havido análise, mas analista, não há nenhuma possibilidade". Assim, tornar-se analista é se dispor à transmissão com todos os seus percalços, dentro ou fora de uma instituição psicanalítica, não é um sinal verde para que o analista possa fazer simplesmente o que quer, tendo como critério seu próprio gozo. Quinet nos adverte no capítulo sobre a novidade da Escola no movimento psicanalítico, do livro a Estranheza da psicanálise que "A constatação de que " o analista só se autoriza por si mesmo" é uma situação de fato que Lacan teve a audácia de nomear, enquadrando-a, no entanto, com o dever de garantia em sua escola, onde o analista é convocado a levar ao conhecimento público o que ele faz do seu saber textual e do que foi depositado em sua experiência analítica.

E quanto ao ensino da psicanálise? Pode-se pressupor a existência de um enodamento entre o ensino e a transmissão representados no círculo de Euler. A zona de interseção entre estes dois campos, criada a partir desse nó, aponta para uma estrutura de corte. É dessa estrutura que se extrai o estilo, com o qual o analista opera e pode inventar, ir além da cola, da identificação com os ideais. A Escola de psicanálise encampa esses dois registros, do ensino e da transmissão, pois ela apresenta uma parte formal, de ficção, e outra real, de pura falta, partes que se mesclam para deixar cair o objeto  $a$ , objeto causa de desejo.

No ato de fundação (1964) o termo Escola, segundo Lacan, "deve ser tomado no sentido de que, em tempos antigos, significava certos lugares de refúgio, ou bases de operação contra o que já então se podia chamar de mal estar na civilização. Ao nos atermos ao mal estar na psicanálise, a Escola pretende oferecer seu campo não somente a um trabalho de crítica, mas a abertura do fundamento da experiência, no questionamento do estilo de vida em que ela desemboca.

O que temos então a partir do desenvolvimento da definição da Escola de Lacan que ela implica a avaliação do estilo de vida a que uma psicanálise leva. O estilo de vida se distingue de normas e modelo.

Segundo Lacan, o ensino da psicanálise não pode ser um saber prédigerido. E faz a seguinte pergunta em "Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder": "Como ensinar aquilo que a psicanálise nos ensina?" Marco Antônio Coutinho Jorge, em seu artigo "Jacques Lacan e a estrutura da formação psicanalítica", comenta que a afirmação contida nessa pergunta é a de que há um ensino que se passa no âmbito da experiência psicanalítica, o que levou Lacan a dizer que toda análise é didática. Assim, se o ensino também se dá aí, há que se levar em conta a transferência e, conseqüentemente, o sujeito suposto saber que a concebe. Freud diz que o que se aprende na transferência jamais se esquece.

Retomo nossa publicação Stylus, que é uma publicação seriada da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano/Brasil, que permite que vozes, sotaques, abordagens e estilos diferentes sejam ouvidos nos diversos fóruns, pluralidade tencionada por uma mesma opção epistêmica e ética que a Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano sustenta.

Agora, refletindo sobre o impasse, recorri ao texto de Freud "o Mal estar na civilização" onde ele fala que o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: a do nosso próprio corpo, a do mundo externo, e finalmente a de nossos relacionamentos com os outros homens, onde nesta última enfatiza que é a mais penosa. E que a tarefa de evitar o sofrimento é prioritária a da busca da felicidade, portanto os impasses se mostram necessários, pois como disse Freud citando Goeth, nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos.

Por fim quero agradecer ao cartel: Desejo da formação do analista que sendo célula, da escola acolhe em seu seio o desejo pela psicanálise, as contribuições para construção deste texto.

Katarina Aragão Ponciano  
Katarinak1110@hotmail.com